


UMA ANÁLISE DA MANIFESTAÇÃO DO RISO EM UMA ENTREVISTA DE PELÉ

AN ANALYSIS OF THE MANIFESTATION OF LAUGHTER IN AN INTERVIEW WITH PELÉ

Thais Ludmila da Silva Ranieri  <https://orcid.org/0000-0002-5850-6130>
Programa Pós-Graduação ProfLetras/UFPE
Departamento de Educação – Universidade Federal Rural de Pernambuco
thais.ranieri@ufrpe.br

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo10329040>.

Recebido em 25 de agosto de 2023

Aceito em 19 de novembro de 2023

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar as manifestações do riso sob uma ótica textual-discursiva e multimodal em uma entrevista radiofônica dada por de Pelé na década de 60. Para isso, tomamos como referenciais teóricos as discussões sobre multimodalidade em Dionísio e Marcuschi (2007), Norris (2001) e Kress *et al.* (2001). Sobre referenciação partimos de Koch e Marcuschi (1997), Mondada e Dubois (2003), Mondada (2005) e Cavalcante (2014). Já sobre o riso, apoiamo-nos em Souza (2015), Shochi *et al.* (2018) e Cavalcante e Lima (2019). O nosso *corpus* é composto por fragmentos retirados de uma entrevista gravada que se encontra no acervo do Museu da Imagem e do Som do Estado de São Paulo. Por só termos acesso ao áudio, concentramo-nos nos modos semióticos: verbo e áudio do riso. Percebemos em nossas análises que, nas vezes em que o riso aparece na fala de Pelé, não tem a função somente de marcar o humor, mas também de estabelecer a progressão textual e de garantir a interação.

Palavras-chave: Manifestação do riso. Referenciação. Multimodalidade

Abstract: This article aims to analyze the manifestations of laughter from a textual-discursive and multimodal perspective in a radio interview given by de Pelé in the 1960s. For this, we take as theoretical references the discussions on multimodality in Dionísio and Marcuschi (2007), Norris (2001) and Kress *et al.* (2001). Regarding referencing, we started with Koch and Marcuschi (1997), Mondada and Dubois (2003), Mondada (2005) and Cavalcante (2014). Regarding laughter, we rely on Souza (2015), Shochi *et al.* (2018) and Cavalcante and Lima (2019). Our corpus is composed of fragments taken from a recorded interview that is in the collection of the Museum of Image and Sound of the State of São Paulo. Because we only have access to the audio, we focused on the semiotic modes: verb and audio of laughter. We noticed in our analyzes that, when laughter appears in Pelé's speech, it not only serves to mark the humor, but also to establish textual progression and guarantee interaction.

Keywords: Manifestation of laughter. Referencing. Multimodality.

1. Introdução

Em 29 de dezembro de 2022, faleceu Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. Conhecido popularmente como o Rei do Futebol, Pelé deixou um legado importante para o futebol mundial. Detentor de vários títulos mundiais e de diversos prêmios, Pelé é uma figura pública que marcou o século XX. Foi um sujeito que viveu mais da metade do século passado e que chegou as primeiras duas décadas do século XXI. Sua vivência pode ser analisada sobre diversas perspectivas teóricas, como também pelos estudos linguísticos. Diante disso, o objetivo deste artigo é analisar a manifestações do riso sob uma ótica textual-discursiva e multimodal em uma entrevista dada por de Pelé a uma rádio na década de 60. Por se tratar de uma entrevista gravada e por só termos o áudio que possibilitou uma transcrição, temos uma limitação das possibilidades semióticas que poderiam ser observadas, tais como as expressões faciais e os gestos.

De toda forma, por ser tratar de uma análise na modalidade falada em que somente o som foi registrado, chamou nossa atenção a articulação entre o verbal e a manifestação do riso na construção da referência que conduz a progressão textual. Percebemos que, quando o riso se manifesta na fala de Pelé, ele não tem a função somente de marcar o humor, mas também de estabelecer a progressão textual e de garantir a interação. Para atender a essas reflexões, o presente artigo se organiza de forma a apresentar uma discussão teórica e uma análise em que a manifestação do riso na fala do jogador possa ser investigada.

Após esta Introdução, temos a seção *Referenciais teóricos em tela* em que discutimos as teorias necessárias para a análise. Por acreditarmos que a linguagem é intrinsecamente multimodal, não dissociamos o verbal das outras semioses, uma vez que essa articulação é necessária para a produção de sentidos. Ainda que o verbal tenha características que não sejam partilhadas pelas outras semioses, como o papel da metalinguagem, não negamos a importância de sua articulação com as outras semioses, tais como gestos, cores, entonação, para a construção de sentidos. A título de base teórica, agregamos ainda as contribuições da Linguística Textual quando se trata dos processos referenciais. Para isso, tomamos por base os pressupostos de Koch e Marcuschi (1997), Mondada e Dubois (2003), Mondada (2005), Cavalcante (2014). Quanto às discussões sobre o riso nas interações humanas, embasamos em Souza (2015), Shochi *et all* (2018) e Cavalcante e Lima (2019) que trazem reflexões importantes do riso e de sua associação com o verbal.

Em seguida, contamos com a seção *Aspectos Metodológicos*. Nesta seção, damos um panorama da constituição do *corpus* e das categorias analíticas que serão investigadas e analisadas nos recortes. Após temos a seção de análise dos dados *A presença do riso na entrevista*. A seção está dividida em 4 momentos. Os três primeiros se articulam com a progressão temporal da entrevista. O quarto momento é uma reflexão de trechos da entrevista em que inferenciamos possíveis momentos de riso por parte do jogador. Logo depois, temos as *Considerações Finais* que refletem sobre a temática do artigo, da importância da pesquisa e de encaminhamentos para pesquisas futuras. Logo após, o leitor encontra as referências que embasaram a discussão do trabalho. Após esta apresentação, seguimos para a discussão teórica.

Por fim, o artigo se situa no âmbito das atividades do grupo de pesquisa HISTEL. Um dos pontos de investigação do grupo se trata das manifestações semióticas que se agregam ao verbal ou que vão para além dele. Assim, o presente artigo também visa apresentar discussões que contribuam com um estudo da língua sob uma ótica multissemiótica.

2 Referenciais teóricos em tela

Para a composição de nosso painel teórico, iremos contar com três pontos importantes: multimodalidade, referenciação e riso. À primeira vista pode parecer que só há articulação entre referenciação e multimodalidade, tendo em vista os inúmeros trabalhos que vêm dando conta dessa relação. Entretanto, por entendermos que a língua é uma atividade multimodal e que o riso pode ser concebido como um modo semiótico, encontramos nossa justificativa para essa tríade teórica. A seguir, trataremos de cada ponto teóricos sustentam a análise dos dados. Vejamos.

Sobre multimodalidade

A língua, ainda que não descartemos os aspectos estruturais que a integram, não se realiza enquanto prática social desvinculada de um contexto de produção muito menos isolada diante de outras semioses. Nas palavras de Dionísio e Marcuschi (2007, p. 13),

Toda a atividade discursiva e todas as práticas lingüísticas se dão em textos orais ou escritos com a presença de semiologias de outras áreas, como a gestualidade e o olhar, na fala, ou elementos pictóricos e gráficos, na escrita. Assim, as produções discursivas são eventos complexos constituídos de várias ordens simbólicas que podem ir além do recurso estritamente lingüístico.

Diante das considerações dos autores, podemos dizer que é intrínseca e natural à linguagem a associação simultânea entre o verbal e os demais modos de comunicação provenientes de materialidades diversas no momento de ocorrência de uma interação.

Diante dessa premissa, vários autores vêm defendendo uma concepção de língua que busca articular o verbal a todo amálgama discursivo e multimodal que se mostra presente nas interações humanas. Em vista disso, percebemos que a agregação de distintos modos de comunicação nos leva a traçar novos caminhos para os estudos da linguagem, como vem sendo feito por Cavalcante (2013), Ramos (2012) e Custódio Filho (2011).

Ainda dentro desse ponto, salientamos também a realização da materialidade de cada modo de comunicação – como, por exemplo, a gráfica e a sonora para a linguagem verbal e a visual para os gestos e a sua complexidade no processo de transcrição. Não defendemos aqui uma primazia do verbal sobre os outros modos de comunicação, ou vice-versa.

Há ainda que considerar o entrelaçamento dos significados da linguagem verbal com os significados dos outros modos de comunicação no contexto comunicativo, já que essa interação produz em si um novo significado ou uma ressignificação. Ou seja, por mais que cada modo de comunicação apresente uma organização de significados particular, a articulação entre eles nos levam à produção de um novo sentido que está associado ao contexto de produção.

Ainda que toda interação seja multimodal, sabemos que o olhar do investigador é que vai direcionar a pesquisa e, por conseguinte, estabelecer os sentidos provenientes da articulação dos modos de comunicação. As intenções da pesquisa conduzem a investigação a ponto de priorizar um tipo de articulação sobre a outra, como reafirmaremos na seção *Sobre referenciação*.

Por fim, Norris (2001) e Kress *et al.* (2001) tratam da fluidez dos modos de comunicação. Para eles, as semioses apresentam sistemas de comunicação que não são

estáticos, mas fluidos. Os modos de comunicações se desenvolvem em resposta às necessidades de comunicação da sociedade, por isso são criados novos modos e modos existentes são transformados.

Entretanto, acreditamos que, mesmo que haja uma flexibilização na criação de novos modos e na releitura de modos antigos, os significados gerados por cada um apresentam uma estabilidade que nos leva a entender o seu uso e a produção de sentidos gerada por eles. Nesse processo de resignificação pelo qual passam os meios de comunicação em atuação conjunta, os sentidos primários podem ser mantidos ou adaptados aos contextos em questão, sem, no entanto, inibir o surgimento de novos sentidos. Ressaltamos aqui a estabilidade que cada modo de comunicação tem, como nos chamam a atenção Mondada e Dubois (2003), quando direcionam a questão para a categorização na linguagem verbal e a estabilização mínima presente nela.

Ao encararmos a linguagem como uma atividade caracteristicamente multimodal, não há como pensarmos nas demais ações que envolvem a linguagem como ações monomodais. Ou seja, se a linguagem é multimodal, será por sua vez o texto uma unidade multimodal, bem como o contexto como um elemento multimodal, visto que são realizações que englobam o verbal e as demais semioses em sua realização. Posto assim, seguiremos adiante, na próxima sessão, com a discussão sobre referenciação e o riso.

Sobre referenciação

Ao partimos do princípio de que a linguagem é multimodal, como exposto na seção anterior, estendemos tal entendimento aos demais fenômenos da língua e, em especial, a referenciação.

Corroboramos nosso posicionamento com as contribuições de Cavalcante *et all* (2019). Os pesquisadores trazem uma consideração importante quando colocam que o trabalho com o texto “demanda um tratamento específico, que não se limita ao componente gramatical ou linguístico dos enunciados efetivamente produzidos (embora, obviamente, o aparato linguístico também seja considerado) (p.28)”. Sob esse entendimento o conceito de texto não pode deixar de trazer seu caráter multimodal. Ainda que a Linguística Textual tenha se voltado para uma abordagem mais focada no visual e no texto escrito, não podemos deixar de lado as diversas possibilidades multissemióticas que se voltam para o oral e para os modos atrelados a ele. Nas palavras de Cavalcante *et all* (2019, p. 36), “não ter dado conta de todos os sistemas semióticos ainda não significa negligenciá-los, nem subvalorizá-los.”

Sob essas considerações que entendemos o fenômeno da referenciação para além de uma ação pautada no verbal. Morato (2001) afirma que a construção da referência prevê uma arbitragem de fatores que ultrapassam o linguístico. Suas considerações nos levam a perceber a necessidade de se ter o linguístico, mas também de associá-lo a outras organizações semióticas, ressaltando, assim, uma concatenação entre as diversas semioses na construção da referência.

Dessa forma, entendemos que a referenciação é uma prática multimodal intrínseca a linguagem. Entretanto, entendemos que há associações modais mais adequadas e marcadas para cada tipo de modalidade de uso da língua, como prevê Norris (2004). No caso da referenciação, é mais perceptível a articulação multimodal em interações face a face.

No que tange aos referentes, Koch e Marcuschi (1998) afirmam que a discretização do mundo pela linguagem é um fenômeno discursivo. A diferença se dá, principalmente, por serem os objetos de discurso referentes textuais e não objetos do

mundo que são entidades extradiscursivas e extramentais (Marcuschi, 2007; Koch; Marcuschi, 1998, 2006). Para Cavalcante (2013, p. 98), o “referente é um objeto, uma entidade, uma representação construída a partir do texto e percebida, na maioria das vezes, a partir do uso de expressões referenciais.”. É exatamente no fato de encararmos o referente como uma elaboração discursiva da realidade e perceptível através de expressões referenciais que podemos entendê-lo como um objeto discursivo e não como uma representação fidedigna do mundo. Por isso, faz-se necessária uma atuação conjunta e colaborativa dos sujeitos para que haja a realização da construção de sentidos.

Em se tratando da progressão textual, os referentes são acionados e retomados por elementos linguísticos ou não, mas que estabelecem o encadeamento textual e sua progressão. Nesse processo, a concatenação entre o verbal e o não verbal ocorre de modo orgânico no uso da linguagem. Não se fazendo distinção entre ambos. Entretanto, por questões metodológicas e por princípios teóricos, pesquisamos, muitas vezes, os processos referenciais somente pelo viés linguístico.

A literatura em Linguística Textual aponta para três tipos de processos referenciais que são importantes para a progressão textual, a saber, introdução referencial, expressões anafóricas e as dêixis.

A introdução referencial é o processo de ativação de um referente no texto. Segundo Koch e Elias, a introdução (construção) de um objeto se dá quando um objeto até então não mencionado é introduzido no texto, de modo que a expressão linguística que o representa é posta em foco, ficando esse objeto saliente no modelo textual (Koch; Elias, 2006, p. 125). Um ponto a ser evidenciado é o fato de uma introdução referencial ser ativada em função de outro contexto, ou seja, a âncora da progressão não seria textual, mas intertextual. A introdução referencial também pode ser ativada por um elemento não linguístico.

Já as expressões anafóricas foram por anos investigadas e temos uma hoje uma vasta pesquisa em torno de sua identificação e categorização. Cavalcante (2003) divide as expressões entre as que introduzem um referente (as introduções referenciais) e as que requerem a continuidade de referentes já postos no universo discursivo. As anáforas são expressões referenciais que estabelecem a progressão textual. Para a autora, as anáforas podem retomar um referente de forma direta e pontual, anáfora direta, ou podem fazer remissão a um elemento pressuposto, para além do contexto. Temos ainda as anáforas encapsuladoras que retomam porções textuais.

Nessa discussão sobre as expressões anafóricas, podemos evidenciar as questões em torno das retomadas em ambientes digitais que funcionam para além dos limites de uma porção textual. Salientamos ainda o uso de retomadas por imagens, como ocorre em textos articulados verbo-visualmente.

Por fim, as dêixis são estruturas (linguísticas ou não) que estabelecem uma relação com o mundo exterior. Sua identificação está associada diretamente com o contexto de produção. As categorias dêiticas de tempo, lugar, espaço e pessoa são representadas gramaticalmente e discursivamente (HANKS, 2008). Podem ser identificadas linguisticamente pela classe dos pronomes, advérbios e semioticamente com as mãos, os braços e a cabeça. Além de outros recursos gráficos de identificação, tais como as setas em textos escritos.

Cada processo tem um papel importante dentro da organização textual e pode aparecer em associação com um ou mais modos semióticos. No uso efetivo da linguagem, os modos mais convenientes para cada modalidade de uso da língua são acionados em prol da construção de sentidos. Para uma pesquisa científica e por questões metodológicas, elencamos o verbal em associação a um determinado modo

mais expressivo. Assim, na modalidade escrita é mais frequente a associação entre o verbal e as imagens e na modalidade oral podemos citar a associação entre o oral e a gestualidade. Aqui faremos a associação entre o verbal e a manifestação do riso (sonoro, acústico), uma vez que temos o acesso somente ao áudio.

Sobre o riso

Cavalcante e Lima (2019) apontam que o riso é uma atividade universal e inerente ao ser humano que “pode apresentar significações distintas, a depender dos aspectos sociais, culturais e até mesmo subjetivos” (p. 46). Ainda segundo as autoras, o riso é uma manifestação humana que se inicia na fase de bebê quando surgem as primeiras interações com a sua cuidadora ou se cuidador. Segundo as pesquisadoras,

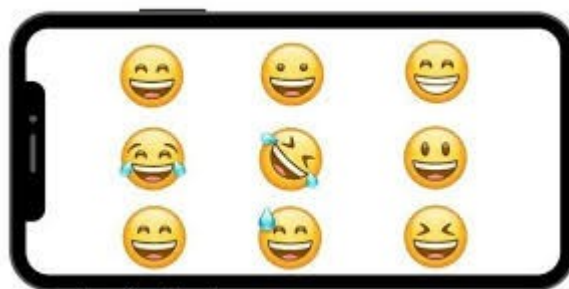
(...) o sorriso humano pode ser compreendido através de pressupostos inatos e sociais, uma vez que essa manifestação humana também é uma forma de interação, principalmente das crianças, ainda em fase de aquisição (p. 48).

Além de associar o riso com o processo de aquisição da fala, Cavalcante e Lima ainda reforçam o riso como um elemento multimodal “que se apresenta concomitante a outras manifestações linguísticas, formando um conjunto indissociável” (p. 61), tal como aponta McNeill (2000) citado por elas.

Nessa mesma linha de pensamento, trazemos Souza (2015) para reforçar as considerações expostas anteriormente. A pesquisadora afirma que o riso “não é linguístico, mas acompanha o uso da linguagem, muitas vezes se confunde com a fala, moldado por e moldando os sons da fala” (p. 26). Souza assinala para as características acústicas e visuais do riso que nos aponta para as potencialidades multissemióticas do riso nas interações humanas. Além de poder “ser estudado como um importante recurso na interação em diferentes contextos” (p. 28). Reforçamos essa discussão com as considerações de Shochi *et all* (2018) que afirmam que o riso pode ser social e de humor. Para os pesquisadores, o riso social está associado a situações de polidez em relações pessoais. Diferente do riso de humor que leva a gargalhadas e muitas vezes são involuntários e menos polidos.

Em tempos de uso das redes sociais e de aparelhos tecnológicos em que podemos fazer uso simultaneamente da fala e da escrita, chamamos atenção para o riso e sua representação gráfica. Em interações face a face presencial ou mediadas por vídeo, o riso é um modo que pode ser percebido pela expressão facial ou pelo seu som, devido as suas características acústicas e visuais citados anteriormente. Já em interações em que prevalecem a escrita *on-line*, como no WhatsApp, por exemplo, partimos para outros registros do riso. Podemos citar, primeiramente, o uso de emojis que ilustram o riso humano através de imagens. Não temos apenas um único tipo de emoji rindo, mas vários emojis com tipos de risos diferentes que vão desde o mais tímido até a uma gargalhada. Veja figura a seguir.

Figura 1: Tipos de emojis rindo

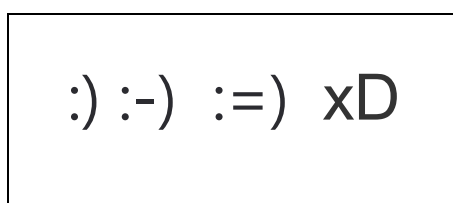


Fonte: <https://www.dicionariopopular.com/emojis-felizes/>

Na figura 1, podemos observar que o movimento da boca e dos olhos são diferentes, buscando retratar as possibilidades dos recursos faciais humanos no ato de rir.

Há ainda os emoticons que resultam de combinações de letras e símbolos para uma representação gráfica mais simples. No caso dos que representam o riso, temos alguns exemplos na figura 2.

Figura 2: Tipos de emoticons



Fonte: autora

Vale salientar que para os emoticons também existe uma variação quanto ao tipo ou intensidade do riso.

Por fim, para além dos emojis e emoticons, podemos fazer uso de representações linguísticas que buscam imitar o som do riso, tais como, “kkkkk”, “hahahaha” ou “LIWAHDFIWAKHDWQ”. É importante frisar essas questões para mostrar que o riso enquanto manifestação humana precisou ter um registro gráfico em interações que não se dão face a face ou em representações na modalidade escrita. Não é algo específico das interações digitais. São recursos que sempre foram usados em outros tempos e contextos interacionais.

Dentro dessa discussão, cabe ainda salientarmos os tipos de risos. Souza (2015) diz que os risos podem surgir em situações de celebração e de problemas. No caso das celebrações seriam um convite para rir juntos. Já no caso dos problemas, seria uma forma de alinhar ou modificar ações ou suavizar os significados. Diante das nossas análises que virão mais adiante, uma das situações de riso promovidas por Pelé é a de lembrança. O jogador de futebol ao lembrar sua infância dá umas risadas que remete à celebração, mas ao mesmo tempo de saudosismo.

Souza (2015) faz uma releitura do trabalho de Adelswärd (1989) sobre os tipos de riso. As situações investigadas pelo pesquisador foram provenientes de entrevistas (de trabalho, entre assistente social e assistido e pós-julgamento entre réu e pesquisador)

e negociação entre estudantes. A primeira situação se assemelha ao nosso corpus que se trata de uma entrevista radiofônica dada por Pelé. Nesses contextos, foram identificados dois tipos de risos: unilateral e mútuo. O unilateral seria usado como proteção de face. Seria um riso sozinho e que pode mostrar falta de consenso sobre o tópico se é risível ou não. Já o mútuo demonstra harmonia e consenso sobre o tópico. Vemos que ambos marcam a progressão do tópico e da conversa.

Além dos tipos de riso, Souza (2015), com base nos estudos de Glenn e Holt (2013), traz uma descrição de possibilidades em que o riso pode acontecer. Para os autores seriam quatro tipos, conforme quadro a seguir.

Quadro 1: Classificação das situações de riso

SITUAÇÕES DE RISO	DESCRIÇÃO
Riso em sequência	O riso acontece em uma relação de par adjacente em que a ocorrência do primeiro riso pode ser seguida ou não, levando a possibilidades de inferências de significados, tais como incompreensão, não partilhamento de opinião, entre outros.
Riso compartilhado	Ato em conjunto sem concorrência de turnos, uma vez que o riso pode ser partilhado no mesmo turno.
Riso e momentos delicados	O riso acontece como uma forma de mediar situações ou ambientes que apontam para um problema ou situação complicada.
Riso, aflição e alinhamento	O riso assume uma função de colaboração entre os participantes, mostrando que há um entendimento, consentimento entre os interlocutores.
Riso e frame	O riso como criador ou ativador de contextos. Para este tipo, o riso ativa ou reativa nos interlocutores situações familiares e confortáveis.

Fonte: autora

Por fim, entendemos que o riso não necessariamente está associado com o humor, é, contudo, uma expressão humana que pode marcar o humor, porém nem sempre é oriundo dessa condição. O riso é uma expressão maior que marca e que rege as nossas interações sociais. Sua presença se relaciona com o verbal tal como outras semioses que podem ocorrer em concomitância ou de forma isolada.

Após esta seção de discussão teórica, partimos para as questões metodológicas e, em seguida, para a análise dos dados.

3 Questões metodológicas

O nosso corpus é construído por trechos retirados de uma entrevista cedida por Pelé na década de 60 que se encontra disponível no acervo do Museu da Imagem e do Som do Estado de São Paulo¹. Na página da internet do Museu, a entrevista se encontra com o seguinte registro:

¹ O link para a entrevista é <https://acervo.mis-sp.org.br/audio/entrevista-de-pele-edson-arantes-do-nascimento-parte-12-1>.

Figura 3: Imagem do Registro da Entrevista no MIS

Título:	
[Entrevista de Pelé (Edson Arantes do Nascimento) parte 1/2] at.	
Tipo:	
História oral	
Número do Item:	Número de Registro:
00060MEF00083AD	47.1; A.035647.1; A.0356
Uso e acesso:	
Consulta local sem agendamento; Divulgação virtual	
Coleção:	
00060MEF - Memória do Futebol	
Autoridades:	Classificação:
Pelé	Entrevistado(a)
Local de Produção:	
Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil	
Data de Produção:	
30/11/1969	
Local de gravação:	
Museu da Imagem e do Som de São Paulo - São Paulo - Brasil	
Suporte/Formato:	
CD	
Duração:	
- h 31min 52s	
Idioma:	
Português	
Descrição:	
Pelé (Edson Arantes do Nascimento), foi jogador do Santos Futebol Clube, considerado o maior ídolo do futebol brasileiro e por muitos do futebol mundial. Comenta sobre sua vida pessoal e profissional. Darci Reis e Edson Leite narram alguns dos seus memoráveis gols. Continua.	
Gênero:	
Entrevista de História Oral	
Descritores:	
biografia; jogador de futebol; futebol; narração	

Fonte: a autora

O Museu cataloga a gravação como uma entrevista de história oral com registro de gravação de 30 de novembro de 1969. Entretanto, os pesquisadores do grupo de pesquisa Histel (Historicidade do Texto e Ensino de Língua), Miranda e Bússola (2020), perceberam divergências na notação das datas. Segundo eles, no momento da fala, Pelé *está com 26 anos e nasceu em 23 de outubro de 1940. Portanto, o segmento em análise teria sido produzido entre 23 de outubro de 1966 e 22 de outubro de 1967* (p. 2.). De toda forma, para a nossa análise essa incongruência diante das datas não apresenta nenhuma problemática para a análise a ser apresentada na próxima seção.

Das considerações dos pesquisadores, tomaremos como ponto pacífico a identificação do gênero em análise como entrevista, ainda que tenha características de memorial ou depoimento. Por se tratar de uma entrevista gravada e por só termos o áudio, temos uma limitação das possibilidades semióticas que poderiam ser observadas, tais como as expressões faciais e os gestos. Assim, nossa análise ficará restrita aos registros acústicos do riso.

Como categorias analíticas, tomaremos as expressões referenciais oriundas das discussões sobre referenciação. Quanto ao riso, partiremos da e das situações de ocorrência tal como apontado por Souza (2015) em releitura de Adelswärd (1989). Também associamos os princípios vindos das discussões sobre multimodalidade. Diante do exposto, seguimos para as análises dos dados.

4 A presença do riso na entrevista

A entrevista completa tem 31min e 52s de gravação. Entretanto, focamos nossa análise nos primeiros 7m 02s. Nossa opção por esse recorte se deu por ser o momento com menos intervenção dos interlocutores. Após esse período, Pelé responde perguntas pontuais e de forma muito direta que não permite tanta divagação do atleta em relação à temática levantada e tem poucas manifestações de riso.

Essa posição que também pode ser vista como um posicionamento metodológico aponta para algumas interpretações analíticas que nos levam a perceber que o riso deve ocorrer em situações pontuais ou de maior espaço de interação. Os minutos selecionados para esta análise há uma maior participação do atleta.

Para além dessas considerações preliminares, focamos a análise em três momentos específicos da entrevista em que há situações com o riso e um momento de uma análise mais geral com percepções da pesquisadora, tendo em vista as dificuldades diante do *corpus*. Posto assim, temos, no total, quatro momentos de análise. Acompanhemos.

Momento 1

Pelé inicia com agradecimentos e, depois, faz uma apresentação pessoal. Fala de seus pais e depois de sua esposa e filha. A seguir, começa a falar de sua infância, dizendo ter sido boa e depois inicia com um resgate das brincadeiras. Nesse trecho, o tópico infância é retomado por expressões anafóricas que categorizam a sua infância.

Ao passo que vai contando sobre a infância, o jogador vai garantindo a progressão referencial, bem como a progressão textual. Vejamos o trecho a respeito desse momento que ocorre entre o intervalo de 1m 08s até 1m 25s da entrevista.

Bom a minha infância foi muito boa como todas as infância dos garotos pobres infância sadia:: cheias de brincadeiras de travessuras coisas que:: todos vocês já passaram ((risos)) por isso eu tenho certeza...

No trecho em destaque, Pelé revisita sua memória para falar de sua infância. Para isso, usa de expressões que marcam o tipo de infância que teve “boa, pobre, cheias de brincadeiras e de travessuras”. Mas percebemos que a retomada ao tópico infância não é somente feita pelas expressões referenciais de cunho linguístico, mas também com o riso que pode ser escutado no áudio.

O jogador busca a colaboração dos ouvintes para que partilhem da mesma sensação de infância dele. O uso do pronome “vocês” que assume a condição de dêitico pessoal convida os interlocutores a partilhar dessa referência. É a busca por uma colaboração de uma infância trelosa que ele pressupõe que todos ou muitos tiveram ou deveriam ter. Trata-se de uma lembrança de uma infância em uma cidade no interior de Minas Gerais.

Nesse caso, a manifestação do riso no meio da sua narrativa também permite um compartilhamento do momento com o interlocutor. Na releitura de Adelswärd (1989) feita por Souza (2015), o riso pode ser unilateral e mútuo. Nessa situação, o riso de Pelé parece ficar num *continuum* entre essas duas funções. Ele ri porque é uma lembrança pessoal, ao passo que busca a compreensão do interlocutor sobre a infância. No trecho, ele busca partilhar uma memória boa que talvez seja partilhada também com o outro. É um riso que busca uma colaboração para a progressão textual, para que ele siga com a

conversa. Enquanto situação de produção, trata-se de um riso que busca um alinhamento do tópico discursivo (GLENN e HOLT, 2013 *apud* SOUZA, 2015).

Acusticamente é um riso leve e que permanece no mesmo tom da voz do jogador. Não destoa do volume da conversa.

Momento 2

Um pouco mais adiante, quando busca explicar a origem de seu apelido, Pelé traz mais uma vez os risos dentro de sua narrativa. A curiosidade sobre o apelido era e é algo muito grande sobre a figura do jogador. O trecho a seguir se dá entre 2m05s e 2m 31s da entrevista. Acompanhemos:

Lá em Bauru também diziam que havia um turco que:: numa rua que nós jogávamos bola um turco que vendia: fazenda lá e que ele não sabia direito falar e ele dizia lé eu não quero que te jogar a bola aqui lé e para jogar com o pé lé com a mão lé (risos mútuos) e ficou assim nada nada vem dizer exatamente por que saiu o apelido Pelé

O sentido dos risos nesse momento é, de certa forma, diferente do primeiro. Mais uma vez Pelé busca o engajamento de sua audiência com um episódio curioso de humor que ele resgata de sua infância e vai ajudando a marcar a progressão textual. Aqui o riso é mais enfático e sonoro. Fica mais alto do que o tom de voz usado na conversa. Podemos classificar como um riso mútuo, conforme Adelswärd (1989). Ou como apontam Shochi *et all* (2018) para quem poderia ser visto como um riso de humor, mas que busca também uma aprovação social. É um riso compartilhado com todos os sujeitos presentes na interação.

Momento 3

Logo em seguida, ainda falando sobre o início de suas atividades como jogador ainda na infância. Pelé resgata um outro momento que fica entre 03m04s e 3min 12s. Acompanhemos:

e nessa volta começaram a jogar dinheiro ((risos))...não tenho certeza se fo;i treze mil e pouco...eu não tenho certeza...quanto que foi...

Aqui o riso aparece como parte de uma lembrança engraçada que emerge de sua memória ao resgatar a situação e vai garantido a progressão do texto. O riso também busca a aceitação dos interlocutores. Podemos percebê-lo na mesma situação que o fragmento do momento 2: riso mútuo que busca estabelecer uma interação. Também podem ser vistos como risos compartilhados que não atrapalham o andamento do turno, mas que marcam a aprovação e o engajamento dos interlocutores dentro da conversa.

Momento 4

Até aproximadamente os 5m da entrevista, Pelé tem por tópico seus primeiros jogos, jogos de rua, sobre vidros de vidraças quebrados, tudo que envolve o campo semântico de crianças brincando com bola. Ao longo de sua narrativa, podemos escutar

as risadas dos interlocutores que vão marcando a interação com o jogador e garantido a progressão do textual.

Como já informado ao longo do artigo, o *corpus* é constituído por dados orais. Dessa forma, limitamos a nossa investigação para uma relação verbal, modalidade oral, com as semioses possíveis, no caso o riso em sua manifestação acústica. Essa limitação, em virtude do *corpus*, também nos limita o trabalho em relação à associação verbo-riso.

Há trechos, ao longo da entrevista, que dá a entender que Pelé poderia ter rido. Percebemos essa possibilidade pelo tom da voz e nuances de som que levam a essa percepção. Inferenciamos que talvez a fala fosse acompanhada de um riso no rosto do jogador. De toda forma, descartamos essas situações da análise porque somente pelo recurso do áudio não conseguimos ter essa certeza. O riso manifestado como expressão facial não pode ser registrado.

Alguns desses contextos eram situações em que Pelé acompanhava as risadas dos interlocutores que poderiam ser vistos como risos do tipo mútuo que buscava o compartilhamento ou aprovação de sua narrativa pela audiência presente.

Os momentos selecionados nos mostram que não é só o verbal que garante o processo de ir e vir das expressões referenciais, ou seja, a progressão textual, mas também os elementos extraverbais que vão ajudando a marcar a progressão.

5 Considerações Finais

As análises aqui expostas são uma amostra pequena do que pode ser investigado em uma associação do verbal com as outras semioses. Sempre é importante lembrar que cada semiose tem potencialidades e limitações dentro dos usos da linguagem em determinado contexto. Não sendo diferente para uma análise em que se tem o riso como modo semiótico selecionado.

Primeiro temos que ter em conta as limitações tecnológicas: o registro em áudio. Em um registro em vídeo, poderíamos ter maiores possibilidades de investigação, entretanto, o áudio não anula uma investigação de base multissemiótica. O texto oral irá abrir possibilidades para outras semioses que estão no plano da fala, como gestos, expressões faciais, olhar, proximidade. Mostra também que os recursos semióticos não são prioridades da escrita e nem são uma questão de tecnologia, mas são recursos da linguagem.

Em se tratando da manifestação do riso, percebemos que sua presença é para além do humor. É um modo semiótico inerente ao ser humano e, logo, presente em suas interações. Tem por função estabelecer e manter a interação numa conversa ou entrevista, em nosso caso, e contribuir para a progressão textual. Ressaltamos ainda que o riso estaria no mesmo nível do verbal, sendo uma manifestação acústica. Assim, teríamos aqui uma multimodalidade verbo-sonora ou verbo-acústica.

Por fim, a presente pesquisa abre novas horizontes dentro da Linguística Textual para que vá além dos estudos focados no texto escrito em uma relação verbo-imagético. Há muitas outras possibilidades de relações semióticas a serem investigadas, tal como a proposta aqui: verbo-sonora. Por fim, deixamos também uma homenagem póstuma a uma figura pública que de extrema importância para o esporte nacional, o Pelé. Pela sua longevidade e pela sua influência a nível internacional, investigar suas manifestações linguísticas e semióticas traz grandes contribuições para os estudos da linguagem.

Referências

- BUSSOLA, Diego; MIRANDA, Florência. **Uma análise do texto “Entrevista de Pelé”**. Manuscrito, 2020.
- CAVALCANTE, Monica. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães, BRITO, Mariza Angélica Paiva, CUSTÓDIO FILHO Valdinar, CORTEZ, Suzana Leite, PINTO, Rosalice Botelho Wakim Sousa, PINHEIRO, Clemílton Lopes Pinheiro. **O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise**. Revista (Con)Textos Linguísticos, v. 13 n. 25, 2019.
- CAVALCANTE, Marianne Carvalho; LIMA, Pereira de Lima. **O contexto do riso numa perspectiva multimodal: contribuições para a aquisição da linguagem**. Estudos da Linguagem, Vitória da Conquista, v.17, nº 12. P. 43-64, abril-jun, 2019.
- CUSTODIO FILHO, Valdinar. **Múltiplos Fatores; Distintas Interações; esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação**. Fortaleza, UFC, Tese de Doutorado, 2011.
- HANKS, William F. **Língua como prática social**. São Paulo: Cortez Editora, 2008.
- KRESS, Gunther; et al. **Multimodal teaching and learning. The rhetorics of the science classroom**. Londres e Nova Iorque: Continuum, 2001.
- KOCH, Ingedore Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Processos de referenciação na produção discursiva**. Delta, São Paulo, v.14, n. especial, p. 169-190, 1998.
- KOCH, I.G.V. e MARCUSCHI, L.A. (2006) **Referenciação**. In: JUBRAN, C.C.A.S.; KOCH, I.G.V. Koch (orgs.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 381-403
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2007.
- McNEILL, David. **Language e gesture**. Cambridge, University Press, 2000.
- MORATO, Edwiges Maria. **(In)determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação antireferencialista dos processos enunciativos**. Caderno de Estudos Linguísticos. Campinas, v. 41, p. 55 – 74, Jul/Dez. 2001.
- MONDADA, Lorenza. **A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica**. In: BENTES, Anna Christina; KOCH Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria (orgs.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 11-32

MONDADA, Lorenza e DUBOIS, Danièle. **Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação.** In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003.

NORRIS, Sigrid. **Analyzing Multimodal Interaction: A methodological framework.** Londres e Nova Iorque: Routledge, 2001.

RAMOS, Paulo Eduardo. **Estratégias de referenciação em textos multimodais: uma aplicação em tiras cômicas.** Linguagem em (Dis)curso, Santa Catarina, v. 12, n. 3, p.743- 763, set./dez. 2012.

SOUZA, Elayne Souza. **Brincadeira, riso e insulto ritual na fala em interação em sala de aula.** Dissertação de Mestrado, Viçosa, UFV, 2015.

SHOCHI, Takaaki *et all.* **Vocal aspecto of Social Laughter during virtual interaction.** Work Paper in Linguistics, Florianópolis, ago/dez., 2018.